

Pentecostalismo de periferia – Expropriação, evangelização e tradição étnica

Eliane Farias¹
Lusival Barcellos²

RESUMO

Como nos séculos passados, os povos indígenas continuam resistindo para sobreviver em meio a uma sociedade preconceituosa que nega o direito de ser diferente. O presente trabalho versa sobre os indígenas Tabajara da Paraíba, expropriados do seu território, no litoral sul paraibano. Nos tempos hodiernos vivem num processo de etnogênese, reivindicando seus direitos e reelaborando suas tradições. A problemática do estudo se refere aos Tabajara fiéis à doutrina Protestante, que convivem com uma nova realidade: a de exteriorizar seus sinais diacríticos ou sua religiosidade Pentecostal. O estudo está fundamentado nos autores: Barcellos e Farias (2012; 2014), Mendonça (1989), Wright (2004), dentre outros. Utilizou-se da metodologia qualitativa para adentrar no universo de significados, crenças e valores desses indígenas. Foi usado na coleta de dados a observação participante e entrevistas abertas. O resultado da pesquisa revela as transformações ocorridas na vida desses indígenas, convertidos às denominações religiosas pentecostais após a diáspora ocorrida no século XIX.

¹ Mestra em Ciências das Religiões/UFPB. E-mail: eliafariass@gmail.com

² Doutor em Educação/ Pesquisador do PPGCR/UFPB/UFES. E-mail: lusivalb@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE

Indígenas. Pentecostal. Tabajara

ABSTRACT

As in past centuries, indigenous peoples continue to resist to survive amid a prejudiced society that denies the right to be different. This paper deals with the Paraíba Tabajara Indians, dispossessed of their territory in the south coast of Paraíba. In modern times they live in ethnogenesis process, claiming their rights and reworking their traditions. The study of the problem relates to Tabajara faithful to Protestant doctrine, living with a new reality: to externalize their diacritics or his Pentecostal religion. The study is based on the authors: Barcellos and Farias (2012; 2014), Mendonça (1989), Wright (2004), among others. We used qualitative methods to enter the universe of meanings, beliefs and values – of these indigenous. It was used in data collection participant observation and open interviews. The search result shows the changes occurring in the lives of indigenous people converted to Pentecostal denominations after the diaspora occurred in the nineteenth century.

KEYWORDS

Indigenous People. Pentecostal. Tabajara.

Percursos étnico-religiosos

Com o advento dos europeus em nosso território, os nativos sofrem impactos violentos no seu jeito de ser, de viver, de se relacionar com ‘mãe natureza’ e com seus lugares sagrados. Nos últimos cinco séculos prevaleceu à dominação, a exploração, o extermínio do povo e da identidade cultural indígena. “[...] o debate e o questionamento formulados pelos indígenas têm como pano de fundo [...] um longo período da negação da história e de suas práticas sociais e rituais”³. Como relata a assertiva,

³ WRIGHT, Robin M. (Org.). *Transformando os Deuses*. Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos no Brasil. v. II. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004, p. 76.

séculos passaram-se e os povos indígenas continuam lutando e resistindo para sobreviver em meio a uma sociedade, ainda muito preconceituosa, que nega o direito de ser diferente.

O território brasileiro era ocupado por centenas de povos indígenas que possuíam suas crenças e seus rituais religiosos diferenciados⁴. É importante recordar as suas afinidades culturais que acreditavam nas forças da natureza e nos espíritos dos antepassados. Para seus deuses e espíritos, faziam cerimônias, ritualísticas e festas, legado de várias gerações. “A vida do indígena está impregnada de religiosidade”⁵. Entre os povos indígenas do Nordeste, uma dessas tradições é o ritual do Toré. “O Toré é uma expressão lúdica e organizadora, íntima e emblemática, definida pelos indígenas como ‘tradição’, ‘união’ e ‘brincadeira’, que é atualmente uma prática conhecida e presente na maioria das coletividades que se reivindicam como indígenas”⁶.

Para transmissão da ancestralidade havia um responsável em cada etnia que repassava os ensinamentos e realizava todas as iniciações de acordo com o tempo, os costumes, as faixas etárias, as circunstâncias em período de guerra e em tempo de paz. Em algumas etnias, esse legado era uma atribuição exclusiva dos mais velhos, também conhecidos com anciãos ou troncos velhos⁷, embora a casa, o núcleo familiar, fosse o embrião onde a vida era gestada e todas as pessoas participavam e influenciavam no imaginário e na constituição do ser indígena. Em alguns povos, o pajé tinha a função em proporcionar o bem estar físico e espiritual; para este fim, utilizava da pajelança e de outros rituais praticados em locais coletivos ou reservados: como nas matas, nas águas doces ou salgadas, nas cachoeiras etc.; também era sábio em usar plantas medicinais que evitavam doenças e proporcionavam muitas curas.

⁴ CUNHA, Manuela Carneiro. *Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade*. São Paulo: Brasiliense; Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

⁵ FLORES, Lucio Paiva. *Adoradores do Sol: reflexões sobre a religiosidade indígena*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 13.

⁶ OLIVEIRA, João Pacheco (Org.). *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. 2. ed. Contra Capa Livraria; Laced, 2004.

⁷ Pessoas idosas que conhecem e conservam a tradição dos antepassados e repassam esse legado para as novas gerações. Os troncos velhos servem como reserva de memória, de cultura e de religiosidade, trazendo em si um passado real ou imaginado, que passa a fazer parte do presente, o informa, o justifica e o organiza, e não apenas como lembrança ou resgate.

Os povos indígenas acreditavam numa cosmologia religiosa intensa e plural. Segundo Flores, “[...] no Brasil são 215 povos que falam 170 línguas diferentes. Isso mostra a diversidade no campo religioso; são muitos rituais, calendários sagrados, locais e formas de culturas; também são muitos nomes para Deus ou para o Grande Espírito”⁸.

As relações de opressão imposta pelo colonizador levavam os nativos a converter-se à cultura religiosa do dominador, como forma de minimizar a perseguição. Neste contexto, foram evangelizados hegemonicamente por matriz cristã católica levando a um maior número de adeptos do catolicismo⁹. Mesmo assim, a religião apresenta uma peculiaridade própria e plural por originar-se do índio, do negro e do europeu, que recebeu elementos das crenças e práticas dessas etnias e de outras matrizes religiosas que iriam diversificar ainda mais a religiosidade brasileira.

Serpenteamento étnico/religioso Tabajara

Desde o início do século XVII¹⁰ até meados de 1940, a etnia Tabajara ocupou o seu território tradicional, a antiga sesmaria da Jacoca, no litoral sul paraibano, de onde foram expropriados pela poderosa oligarquia da família dos Lundgren¹¹. Portanto, são originários de uma localidade chamada Sítio dos Caboclos. Esta região é a mais antiga zona de ocupação colonial do Estado da Paraíba e pertenciam à capitania de Itamaracá-PE. Abrigou, ao longo dos séculos, povoações de indígenas e “homens livres pobres” e alguns engenhos de cana-de-açúcar¹².

⁸ FLORES, 2003, p.13.

⁹ FARIAS, Eliane; BARCELLOS, Lusival. et al. *Diversidade PARAÍBA: indígenas, religiões afro-brasileiras, quilombolas, ciganos*. João Pessoa: Grafset, 2014, p. 31.

¹⁰ MURA, Fábio (Coord.). *Relatório de Fundamentação Antropológica para caracterizar a ocupação territorial dos Tabajara no Litoral Sul da Paraíba*. Instrução Técnica Executiva n. 34/DAF/2009. João Pessoa, ago. 2010.

¹¹ Poderosa oligarquia industrial e comercial, descendentes de imigrantes suecos que esteve em evidência ao longo do séc. XX. Entre suas propriedades destacaram-se as fábricas da Companhia de Tecido Paulista (CTP- Pernambuco) e a Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRTPB).

¹² NASCIMENTO FILHO, Carmelo Ribeiro do. *A fronteira móvel: os homens livres pobres e a produção do espaço da mata sul da Paraíba (1799-1881)*. Dissertação

A população Tabajara desenvolveu-se recebendo como herança ideológica e cultural a influência do pensamento religioso católico através da ordem religiosa franciscana.

Sendo muitas as aldeias e poucos os religiosos para a sua assistência, trataram os da ordem de S. Antonio de passar para as de Jacoca e Ipopoca (Alhandra) os aldeados de outras partes e dar a elas fundação permanente, levantando igrejas de pedra e cal, e recolhimento para os padres, sendo que no desta última tinha ele capacidade para agasalhar cinco ou seis religiosos. Aquela se acha à margem do Gammame, esta do Ipopoca¹³.

Os primeiros contatos com outros credos religiosos de acordo com o Tabajara João Gringos e deu quando moravam no Sítio dos Caboclos. Ele lembra que em sua maloca (habitação comunitária) tinha pendurado na parede um quadro com a imagem de Nossa Senhora Santana em volta com vários laços de fita vermelha evidenciando elementos do catolicismo.

Era um quadro grande da senhora Santana. Vivia trepada num canto, de lá não saia pra canto nenhum. Podia botá ela no chão que ela não saia pra canto nenhum. Perguntamos: Quem? Respondeu: A santa. Kkkkk... Naquela época tudo era difícil. Pra lá ninguém ouvia falar de igreja. Já fui crente uns três anos, depois saí. Agora sou católico. Acredito em Deus, se não acreditasse em Jesus, já tinha mim acabado. Nunca dancei o Toré. Dançava saça (salsa). Ia dançar e saía pisando no pé da cavaleira, kkkkkk. A gente vai ficando 'veio', acabou-se... (Informação Oral)¹⁴.

O povo Tabajara a partir do século XIX viveu uma intensa diáspora que dizimou a população e, por mais de um século, foi completamente silenciada da história contemporânea paraibana e nacional¹⁵. Devido ao

(Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

¹³ VANDEZANDE, René. *Catimbó. Pesquisa exploratória sobre uma forma nordestina de culto mediúnico*. Dissertação de mestrado (P.I.M.E.S. do I.F.C.H. da UFPE), Recife, 1975, p. 33.

¹⁴ Indígena João Gringo, abr. 2010.

¹⁵ FARIAS; BARCELLOS, 2014, p. 29.

processo de constantes violências simbólicas, físicas, psicológicas, forçadamente migraram para as periferias das zonas urbanas. Fragilizados, sem empregos e condição financeira, necessitavam pelo menos de moradia e alimentação, para sobreviverem. Os relatos revelam momentos de dor, fome, desespero etc. Podemos dizer que os Tabajara vão passar por processo de resiliência cultural. Para Oliveira¹⁶, “[...] a mudança é possível se percebida sua necessidade e deve ser processada no interior de uma comunidade intercultural de argumentação.” As mudanças vão se fazendo necessárias no cotidiano, em cada nova comunidade, até serem acolhidos pela evangelização pentecostal.

O Catolicismo foi deixando de ser a religião dominante nas comunidades possibilitando espaços de ruptura e poucas ou esparsa assistência, proporcionando ambiente para outras religiões erguerem-se. É nesse contexto que muitos vão conhecer a tradição cristã pentecostal, que dá uma assistência mais direcionada no cotidiano de quem se encontra no desprezo, abandonado, sem esperança e sem fé na vida. As religiões pentecostais adotam como estratégias instigar nas comunidades das periferias um espírito ativo de coração, de luta e provedor de uma vida religiosa intensa, de uma experiência mística menos informal e mais expressiva. O Pentecostalismo se torna uma grande aliada para superar muitos obstáculos e manter viva a esperança por dias melhores. No entanto, o indígena Lúcio faz ressalva “[...] os grupos evangélicos protestantes recebem muito bem os indígenas nas igrejas, mas não acompanham nas retomadas das suas terras tradicionais ou nas suas manifestações em Brasília [...]”¹⁷.

As primeiras igrejas pentecostais

O Pentecostalismo é um movimento religioso que, inicialmente, herdou elementos culturais do Protestantismo, como a ética de vida e trabalho, a rejeição da hierarquia eclesiástica e dos santos e o individualismo

¹⁶ OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *A questão étnica: qual a possibilidade de uma ética global?* Arizpe, Lourdes. (Org.). *As dimensões culturais da transformação global: uma abordagem antropológica*. Brasília. UNESCO, 2001, p. 59.

¹⁷ FLORES, 2003, p. 21.

do fiel frente a Deus. Com fundamentação milenarista¹⁸, acreditam na volta de Cristo que combaterá o mal e os escolhidos viverão numa vida de abundância, justiça e felicidade. Há também alguns aspectos do fundamentalismo, que “não é uma doutrina [...], mas representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista¹⁹”, no Pentecostalismo. Nele, pode-se identificar uma singularidade de elementos, como: o dom de línguas, o batismo no Espírito Santo e o dom da cura, que o torna original em face de outros segmentos. Conforme Passos²⁰, “[...] é próprio de a dinâmica pentecostal criar rupturas que se configuram na esfera pessoal e social, dialeticamente relacionadas, para poder introduzir e manter os seus adeptos na temporalidade pura e livre das origens.” Nesse sentido, o adepto, a partir da conversão, divide sua história de vida no antes e no depois de “aceitar Jesus”, acreditando estar no grupo dos eleitos, dos que vivenciam no tempo presente a salvação.

No Brasil a primeira Igreja Pentecostal foi fundada no início do século XX. Em 1910, chega a São Paulo o italiano presbiteriano Luigi Francescon que funda a Igreja da Congregação Cristã no Brasil. Em 1911, os suecos Daniel Berger e Gunnar Vingren chegam a Belém do Pará. Em 1911, fundam a “Missão da Fé Apostólica”, que passaria a se chamar “Assembleia de Deus” em 1918, trazendo junto novas culturas, costume e moral religiosa para o Brasil. Segundo Freston²¹, a evolução pentecostal no Brasil pode ser reconhecida através de três momentos históricos:

O pentecostalismo brasileiro pode ser apreendido com uma história de três ondas sucessivas de implementação de igrejas. A primeira se situa na década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e Assembleia de Deus (1911) [...] A segunda onda Pentecostal se fragmenta, sua relação com a sociedade se torna mais dinâmica

¹⁸ O milenarismo é próprio das religiões de salvação. É a esperança da felicidade peregrina no mundo quando, após sofrimentos profundos, os seres humanos forem regenerados, purificados e libertados pela divindade (CHAUÍ, 2003, p. 258).

¹⁹ BOFF, L. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, p. 25.

²⁰ PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origem e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Col. Temas ensino religioso).

²¹ FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: da constituinte ao Impeachment*. 1993. Tese (Doutorado em Sociologia) – IFCH, Campinas, 1993, p. 66.

e três grandes grupos (entre dezenas de outros) aparecem: Evangelho Quadrangular (1915), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto da pulverização é paulista. A terceira onda começa em fins da década de 1970 e ganha fôlego nos anos 80. Seus representantes principais são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) [...] O contexto deles é fundamentalmente carioca.

As igrejas Assembleia de Deus e Congregação Cristã representam a chamada Primeira Onda, onde as manifestações nos cultos do batismo no Espírito Santo e a glossolalia²² são características dessas manifestações pentecostais. O público é composto por fiéis de baixa renda, precária educação e também são ferrenhos anticatólicos. Enfatizam a glossolalia, creem no iminente retorno de Cristo e na salvação por meio de uma vida ascética e na rejeição dos vícios mundanos.

A Segunda Onda é observada através da década dos anos 30 com a propagação de inúmeras denominações pentecostais em consequência do fenômeno do crescimento dos grandes centros urbanos e a migração dos meios rurais.

A chegada de migrantes ao meio urbano provocou o inchamento de bairros, provocando novas convivências entre multiplicidades étnicas e culturais. A mensagem de solidariedade social, fraternidade, cooperação, incentivo e criação de atividades comunitárias dentro do espaço urbano caótico e instável constituíram-se e constituem forte apelo para popularização pentecostal²³.

Nesse contexto, a concentração de pessoas numa diversidade de condições culturais e socioeconômicas (lugares com indivíduos marginalizados de seus direitos) é fator utilizado na área religiosa, gerando o favorecimento da propagação do pentecostalismo e de outras religiões, como o espiritismo e a umbanda.

²² Fenômeno de falar línguas desconhecidas quando em transe religioso (como relatado no Novo Testamento. At. 2).

²³ MACEDO, Emiliano Urzer. *Pentecostalismo e religiosidade brasileira*. 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, p. 79-80.

A Segunda Onda vai se destacar pelo apelo às massas através do intenso uso do rádio e pela importância dada às curas divinas nos seus cultos, mais a divulgação do *gospel*²⁴, atuando no mundo secular para converter mais fiéis. Nesse sentido, organizaram eventos em locais de grande público, como praças públicas, estádios e ginásio de esportes e nas mais variadas formas que pudessem divulgar a palavra de Deus. O uso da mídia vai favorecer uma maior concentração no meio popular urbano, contrastando com a imobilidade da Igreja Católica e Assembleia de Deus.

A chamada “Terceira Onda”²⁵ se propagou na década 70, tendo sua origem numa instituição comum à Igreja Nova Vida (1960) fundada pelo missionário canadense Robert MacAlister no Rio de Janeiro. Depois surgiram as igrejas pentecostais: Universal de Reino de Deus (1977), Internacional da Graça de Deus (1980) e a Cristo Vive (1986), todas no Rio de Janeiro. Relacionadas a essas fundações tem a Comunidade Sara Nossa Terra (Goiás, 1976), Comunidade da Graça (São Paulo, 1979) e Renascer em Cristo (São Paulo, 1994). Com o impactante e polêmico surgimento da Universal o território pentecostal nunca mais foi o mesmo em relação às práticas religiosas nos cultos. Segundo Almeida, a realidade religiosa no Brasil é: “[...] ‘circulação e flexibilidade’ desses religiosos, isto é, circulação de ideias e práticas religiosas para além das fronteiras institucionais e flexibilidade no vínculo institucional”²⁶. O fenômeno Pentecostal propõe uma nova Teologia. Dá ênfase ao exorcismo²⁷, contempla o universo midiático e para dar uma *performance* mais dramática aos cultos, centraliza a presença de espíritos no corpo dos fiéis.

Surgiu nesse momento a Teologia da Prosperidade²⁸, nova forma de interpretar o Evangelho que favorece a resolução dos problemas dos menos privilegiados financeiramente, prosperidade e abundância de vida,

²⁴ Canto característico dos cultos evangélicos da comunidade negra norte-americana, frequentemente influenciada pelos *blues* e pelo gênero folclórico daquela comunidade.

²⁵ Outros autores denominam o momento como neopentecostalismo (MARIANO, 1996) ou pentecostalismo autônomo (BITTECOURT, 1991; ALMEIDA, 2004).

²⁶ ALMEIDA, 2004, p. 2.

²⁷ Oração e/ou cerimônia religiosa para esconjurar o Demônio e outros espíritos malignos.

²⁸ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola 1999, p. 151.

herdeiro das promessas divinas, como também de justificar a fortuna e a felicidade de alguns poucos. Usando esse paradigma, envolvem os fiéis na busca de soluções para as mazelas do cotidiano.

O pentecostalismo tabajara

Qualquer tentativa de falar num idioma particular não tem maior fundamento que a tentativa de ter uma religião que não seja uma religião em particular... Assim, cada religião viva e saudável tem uma idiossincrasia marcante. Seu poder consiste em sua mensagem especial e surpreendente e na direção que essa revelação dá à vida. As perspectivas que ela abre e os mistérios que propõe criam um novo mundo em que viver; e um novo mundo em que viver – quer esperemos ou não usufruí-lo totalmente – é justamente o que desejamos ao adotarmos uma religião²⁹.

A diáspora Tabajara vai acontecer concomitantemente com a *Segunda Onda*³⁰ das igrejas Pentecostais brasileiras. Quando migra para as periferias urbanas o povo Tabajara naquele momento vai receber a mensagem de solidariedade social, fraternidade e cooperação das Assembleias de Deus. Neste momento, vai haver uma adesão da maioria dos indígenas às denominações protestantes ou, como popularmente são denominados, “crentes”.

Passava ‘a crer em Nosso Senhor Jesus Cristo’ não simplesmente como uma convicção, mas como compromisso de mudança de vida a partir de nossos valores. Por isso ‘crente’ era um designativo carregado de significado e difícil de ser sustentado, pela oposição que provocava em relação aos valores circundantes³¹.

Ser crente significa abandonar suas antigas crenças e práticas do cotidiano. O crente explica e conta sua conversão a partir de um sentido

²⁹ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008, p. 65.

³⁰ FRESTON, 1993, p. 66.

³¹ MENDONÇA, Antonio Gouveia. Um panorama do protestantismo brasileiro atual. In: LANDIM, Leilah (Org.). *Sinais dos tempos: tradições religiosas no Brasil*. Rio de Janeiro: ISER, 1989, p. 15.

de ruptura com a forma de ser anterior. Ostenta a transformação que se deu na sua vida pós-conversão, ou seja, o crente tem uma vida especial. A questão que se percebe na diferença é que a religião protestante exige de seu fiel uma ética global.

Nesta trama da vida, os indígenas imigrantes e marginalizados vão ser aproveitando para ajudantes, presbíteros, diáconos e até pastores das próprias comunidades. Pelos depoimentos vai se percebe que a adesão dá ao crente a oportunidade de ser uma nova pessoa, de ter uma nova vida. Nesse fim, mostra-se como uma religião de poder, de encantamento, onde o adepto tem vez e voz, pode partilhar suas angústias e alegrias. As famílias Tabajara sem perspectivas encontram na religião a emoção, o reencantamento e a esperança de uma vida melhor. Nestas famílias, encontramos adeptos das igrejas protestantes há mais de 50 anos, como é caso de Pedro Severo³².

Quando eu aceitei Jesus mim sustentei, Jesus mim batizou no divino Espírito Santo falando a língua de crente, aí parece que eu fiquei suspenso da terra, gostava das coisas do mundo, das músicas de Luís Gonzaga. Deus condena a idolatria. A salvação vem de Jesus, diz o evangelho, quem quiser ser salvo, ter uma vida de santidade e eterna, de gozo tem que ser crente. Já faz cinquenta anos que sou crente, era rapaz ainda, não pedir minha saúde nas coisas do mundo. (Informação Oral).

Ser crente tem um forte significado em relação a todos os procedimentos do cotidiano, na ética, na moral, nos costumes, enfim, em todas as esferas da vida do indivíduo.

[...] É tanto que Paulo disse: ‘Não mais vivo eu, mas Cristo vive em mim’. Ele estava pronto, porque o viver para mim é Cristo. Desde daí, ser crente é isso, enquanto eu não renunciar a mim mesmo, não houver uma renúncia dos prazeres. Os prazeres é o que atrai o mundo. Então ou uma coisa ou outra. Crente é crê em Deus. É obedecer, pois Deus nos deu o livre arbítrio. Você sabe quem é seu pai, que é filho de Deus. E você pensa será que Deus está comigo aqui? O que estou

³² Ancião indígena, (tronco Velho) da linhagem Bernardo, mar. 2011.

fazendo é de acordo com as vontades dele, ele aprova? Porque você só vai até aonde pode ir. Porque ele é santo. Sede santos porque o senhor teu Deus é santo. O que é santo? Santo é ser separado, não é aquele que pendura na parede. Aquilo é uma imagem que você pinta, alto denomina e diz que é santo. Santo é ser separado do pecado, da mentira, da idolatria, de tudo que é abominável aos olhos do senhor. É ter a convicção que um dia Jesus vem buscar. (Informação Oral)³³.

De acordo com os depoimentos, o crente para ser salvo tem que ser separado das coisas do mundo, das coisas profanas. Os adeptos do pentecostalismo aderem a uma condição singular de vida que a igreja impõe para separá-los do mundo. Assim, o crente não bebe, não fuma, não vê televisão (só programas evangélicos), não adultera, não vai às festas; esta situação, em geral, é válida para as igrejas pesquisadas, mas há igrejas que têm mudado estes costumes há algum tempo. Os pentecostais mostram-se santificados exteriorizando sinais através de comportamentos exigidos pela comunidade religiosa. “A nosso ver, são precisamente essas transformações que possibilitam a penetração das igrejas e a ampliação do número de seus seguidores”³⁴.

Nessas igrejas, os Tabajara, ocupam cargos de destaque: Mysack Gomes Bernardo Severo³⁵ é diácono; Manoel Rodrigues da Silva presbítero e Paulo dos Santos Maciel são presbíteros, sendo que o último à quatorze anos é responsável pela Assembleia de Deus Missões, na localidade de Boa Esperança no bairro do Cristo Redentor, na cidade de João Pessoa. Como presbítero, preside os cultos, celebra a Santa Ceia, realiza celebração fúnebre e dá aconselhamento.

Os líderes das igrejas têm o compromisso de toda segunda e sexta-feira, participarem de reunião com presbíteros evangelistas na Igreja Assembleia Central, em Jaguaribe (João Pessoa), com o objetivo de desenvolver com mais eficiência suas missões de evangelizar e arregimentar fiéis para suas congregações. Brandão afirma:

³³ Indígena PAULO MARCIEL, Presidente do Conselho de Lideranças. Maio, 2011.

³⁴ WRIGHT, Robim M. (Org.). *Transformando os Deuses*. Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos no Brasil. Vol. II. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004, p. 220.

³⁵ Mysack Severo é filho do casal pentecostal Josefa Severo (Potiguara) e Pedro Severo (Tabajara); está cursando Bacharelado em Teologia no Centro de Teologia das Assembleias de Deus na Paraíba (CENTADE/PB).

Hoje em dia, missões evangélicas e, dentre elas, com muito mais ênfase e melhores resultados, as de grupos e igrejas pentecostais, disputam com as ordens de missionários católicos o direito e o suposto dever cristão de converter pessoas e culturas indígenas à sua fé³⁶.

Hoje, em consequência da descontinuidade do tempo que os afastou de suas tradições religiosas, os Tabajara são evangelizadores cristãos. Os fiéis também têm atividades e compromissos eclesiais em dias da semana. O cacique geral Ednaldo Santos da Silva e todos seus parentes que residem na Aldeia Vitória exercitam sistematicamente as atividades da igreja Protestante as Missões comunidade na mata da Chica, no município do Conde/PB. Uma das características do crente batizado é participar ativamente da vida da comunidade.

Para os evangélicos, o domingo é o dia consagrado ao Senhor Deus. Pela manhã tem a escola dominical, um encontro de oração e estudo dos evangelhos com as crianças, jovens e adultos. À noite é celebrado um grande culto que reúne todos os fiéis para louvar, agradecer, engrandecer e pedir bênção ao poderoso Deus. Os cultos durante a semana nas igrejas acontecem nas terças e quarta feiras à noite; e na quinta feira à tarde, o círculo de oração ou, dependendo da necessidade, programam outras celebrações. O ritual da Santa Ceia é o ápice da religiosidade dos crentes, celebração que acontece no primeiro domingo de cada mês: “[...] participar do corpo de Cristo que a nossa maior tradição é a Santa Ceia”³⁷. Assim se faz necessário frequentar pelo menos os cultos aos domingos.

Nas casas das famílias indígenas pentecostais e observou-se que vivem de acordo com os preceitos da igreja, oram e invocam a presença de Deus em todos os momentos, tais como: nas horas de refeição, nas conversas, em momentos de confraternização. “A palavra de Deus diz: aquele que conhece a verdade, a verdade vos libertará. Não somos nós que dominamos a palavra, mas é a palavra que nos domina, que nos motiva a agir diferente”³⁸. Não dá para deixar de observar que ser crente para essas pessoas tenha algo a mais. Isso para elas significa ser alguém

³⁶ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Somos águas puras*. São Paulo. Papyrus. 1994, p. 299.

³⁷ PAULO SEVERO, maio. 2011.

³⁸ MYSACKE SEVERO, mar. 2011.

dentro de uma comunidade, onde o fiel é reconhecido e tem seu papel na sociedade. Segundo Mura, os Tabajara somam 775 indígenas e desse total 90% (noventa por cento) são evangélicos³⁹. De acordo com a pesquisa feita por Farias; BARCELLOS trata-se da segunda etnia indígena oficialmente reconhecida na Paraíba⁴⁰.

Pentecostalismo e tradição

Com o contato direto com as periferias urbanas e a conversão, percebe-se que os descendentes Tabajaraperdemvárias referências tradicionais, “[...] a seleção do que constitui a tradição é sempre feita no presente; o conteúdo do passado é modificado e redefinido conforme uma significação moderna”⁴¹. Porém, outros elementos vão se constituindo por entre discontinuidades na história e se redefinindo na geração presente. Como um dos elementos de reelaboração e tradição entre os povos indígenas do Nordeste, temos o ritual do Toré que com os movimentos de ressurgimento iniciados na década de trinta foi levado pelo órgão indigenista, o SPI, a caracterizar-se como sinal diacrítico exigido para reconhecimento dos grupos indígenas. Para Arruti⁴²:

[...] o Toré assumia (e ainda assume) um caráter de traço cultural fragmentado, de valor estético folclórico e documental, uma dança que comprova a permanência do mínimo de tradição necessária ao reconhecimento de resquícios de sua ancestralidade indígena, ela passou a figurar como expressão obrigatória da indianidade.

Desde 2006, a etnia Tabajara paraibana vivencia o processo de etnogênese⁴³ intenso e ao confrontar a reelaboração de suas tradições com

³⁹ MURA, 2010, p. 26.

⁴⁰ FARIAS; BARCELLOS, 2012. p. 26.

⁴¹ GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. *TORÉ: regime encantado do índio do nordeste*. Recife: Fundaj; Editora Massangana, 2005.

⁴² ARRUTI, José Maurício Andion. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 57-94. 1995, p. 82.

⁴³ Processo denominado pela Antropologia de emergência de novas identidades étnicas ou ressurgimento de etnias já reconhecidas que abrange a transformação social,

a religião que professam tem causado desconforto para determinados indígenas. De um lado encontra-se a doutrina da igreja Assembleia de Deus e do outro, o ritual do Toré. Essa dualidade divide o povo Tabajara na atualidade no seguinte contexto: para muitas jovens, adultos, líderes e os caciques, não há impedimento de se praticar o ritual e de exercer o Pentecostalismo, já os indígenas do seguimento tradicional participam do movimento de reelaboração, mas não dança o Toré. Vale ressaltar que o processo de ressignificação das tradições culturais indígenas na interação social com as agências e grupos externos representa importante papel no reconhecimento étnico e para o acesso às políticas públicas oficiais ou não.

Considerações finais

O estudo mostra que a conversão dos Tabajara à religião Protestante, serviu como bússola para suas vidas ao chegar à periferia após uma diáspora muito sofrida. Esses indígenas começaram a se integrar e a sentir-se cidadão dentro da sociedade, sobretudo, pelo viés religioso pentecostal do acolhimento, do aconchego e do apoio necessário para reiniciar e reencantar a vida. É a partir desse contexto que buscam reconhecimento, respeito, trabalho etc., enfim, formas para sobreviver com o mínimo de dignidade. Dentre as diversas possibilidades de labor, encontram em algumas profissões as habilidades necessárias para trabalharem como pedreiros, auxiliares de serviços, domésticas, eletricitista, funcionários liberais e públicos, comerciantes, dentre tantas outras ocupações até então desconhecidas.

Com a presença sistemática na Assembleia de Deus, os indígenas passam a manusear a Bíblia Sagrada. Essa aproximação resulta numa consequência muito peculiar em estimular os Tabajara a se alfabetizarem para ter a satisfação em aprofundar seus conhecimentos religiosos oferecidos na igreja. Desta maneira, o discurso pentecostal torna o indivíduo ser de primeira grandeza, depois de Jesus. No imaginário de quem acredita e tem fé, isso é muito emblemático, muito embora resulte também

política, definição identitária e incorporações criativas de elementos que auxiliam grupos culturalmente diferenciados.

noutra importante consequência que é melhoria de poder aquisitivo por causa do nível de escolaridade.

Logo, podemos dizer que o Protestantismo de periferia para o grupo Tabajara deixa como legado um saldo amplamente significativo para as novas gerações, mas fica um tencionamento: como se desdobrará a religiosidade cristã e o ritual sagrado do Toré? Só o tempo poderá dar uma resposta para essa problemática que envolve religiosidade Pentecostal e reelaboração da tradição cultural Tabajara.

Referências

- ARRUTI, José Maurício Andion. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 57-94.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Somos águas puras*. São Paulo. Papyrus. 1994.
- FARIAS, Eliane; BARCELLOS, Lusival. *Memória Tabajara: manifestação de fé e identidade étnica*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.
- FARIAS, Eliane; BARCELLOS, Lusival *et al.* *Diversidade PARAÍBA: indígenas, religiões afro-brasileiras, quilombolas, ciganos*. João Pessoa: Grafset, 2014.
- BARCELLOS, Lusival; SOLER, Juan. *Paraíba Potiguara*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.
- BOFF, L. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- CUNHA, Manuela Carneiro. *Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade*. São Paulo: Brasiliense; Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- FLORES, Lucio Paiva. *Adoradores do Sol: reflexões sobre a religiosidade indígena*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: da constituinte ao Impeachment*. 1993. Tese (Doutorado em Sociologia) – IFCH, Campinas, 1993.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. *TORÉ: regime encantado do índio do nordeste*. Recife: Fundaj; Editora Massangana, 2005.

- MACEDO, Emiliano Urzer. *Pentecostalismo e religiosidade brasileira*. 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola 1999.
- MENDONÇA, Antonio Gouveia. Um panorama do protestantismo brasileiro atual. In: LANDIM, Leilah (Org.). *Sinais dos tempos: tradições religiosas no Brasil*. Rio de Janeiro: ISER, 1989.
- MURA, Fábio (Coord.). *Relatório de Fundamentação Antropológica para caracterizar a ocupação territorial dos Tabajara no Litoral Sul da Paraíba*. Instrução Técnica Executiva n. 34/DAF/2009. João Pessoa, ago. 2010.
- NASCIMENTO FILHO, Carmelo Ribeiro do. *A fronteira móvel: os homens livres pobres e a produção do espaço da mata sul da Paraíba (1799-1881)*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2006.
- OLIVEIRA, João Pacheco (Org.). *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. 2. ed. Contra Capa Livraria / Laced, 2004.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *A questão étnica: qual a possibilidade de uma ética global?* Arizpe, Lourdes. (Org.). *As dimensões culturais da transformação global: uma abordagem antropológica*. Brasília. UNESCO, 2001.
- PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- VANDEZANDE, René. *Catimbó*. Pesquisa exploratória sobre uma forma nordestina de culto mediúnico. Dissertação de mestrado (P.I.M.E.S. do I.F.C.H. da UFPE), Recife. 1975.
- WRIGHT, Robim M. (Org.). *Transformando os Deuses*. Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos no Brasil. Vol. II. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004.

Submetido em: 26/09/2015

Aceito em: 10/11/2015

